



## O processo de representação social no *remake* de *thriller* com os presos das Filipinas<sup>1</sup>

Laura Josani Andrade Correa<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

### Resumo

Este artigo analisa o clipe *Thriller* do cantor Michael Jackson e o *remake* produzido pelos presos das Filipinas. Nessa abordagem, os cliques são analisados a partir de fatores técnicos e referências teóricas. O artigo busca reunir os elementos que ligam de alguma maneira o clipe original com o *remake*. Mas salientando a diferença entre mídia de massa e mídia digital e ainda evidenciando as diferenças de circulação desses bens simbólicos. Um pertencente à indústria fonográfica e o outro participante da experiência de veiculação de vídeos na internet.

**Palavras-chave:** videoclipe; vídeo; monstros.

### Introdução

Como salienta G. Bryan, *Thriller* é um clipe histórico. Devido a este fato torna-se relevante o estudo das repercussões dele. Ele foi regravado numa prisão das Filipinas, com ênfase na coreografia do videoclipe original. Os presidiários usaram o uniforme laranja da prisão Centro de Detenção e Reabilitação da Província de Cebu (CPDRC). Apenas uma pessoa que participa da encenação não está com este uniforme, ele/ela usa calça jeans e blusinha para fazer o papel da mocinha do clipe. O vídeo teve mais de 1 milhão de acessos no *Youtube* em menos de uma semana. Ele está disponível no *site* desde 17 de julho de 2007<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado a Divisão Temática 05 Comunicação Multimídia, do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT), na linha de pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais. Bolsista FAPEMAT - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso.

<sup>3</sup> GLOBO, Jornal da. Espetáculo no presídio. Artigo publicado dia 27/07/2007. Disponível em: <http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20070727-293368,00.html#>



Propomos uma análise do clipe *Thriller* e seu *remake* das Filipinas com base na teoria desenvolvida por Erving Goffman<sup>4</sup>, da interação das pessoas como atores e platéia em diversas situações de interação no cotidiano. Sobre a questão da identidade, que se mostra necessária para a discussão, utilizaremos os conceitos de Stuart Hall<sup>5</sup>, falaremos das prisões com a obra de Michel Foucault<sup>6</sup> sobre métodos e meios coercitivos e punitivos na repressão da delinquência, e teremos ainda a abordagem de Peter Berger<sup>7</sup> sobre a construção da realidade. Para finalizar, abordaremos a interação mediada nos *sites* da *internet* sob a ótica de Hermílio Santos<sup>8</sup>.

### ***Thriller***

O videoclipe *Thriller* foi produzido em 1983 e dirigido por John Landis. A música é composição de Michael Jackson para o álbum também intitulado *Thriller*. Ele é estrelado pelo cantor e tem duração de curta metragem<sup>9</sup>, com 14 minutos e créditos no final. Chega-se a um ponto em que a linguagem visual quase ultrapassa em potencialidade sónica a própria música, que a certa altura quase vira uma simples trilha sonora. O clipe teve várias características de superprodução na medida em que inovou em efeitos especiais, maquiagem, figurino e coreografia. Ainda é considerado pela crítica como o melhor clipe de todos os tempos. Essa obra audiovisual foi lançada no sistema home video em março de 1984, no formato VHS. *Thriller* foi acompanhado por um documentário sobre os bastidores da produção, com o título *Making Michael Jackson's Thriller*, vendeu 14 milhões de cópias e se tornou a mais vendida de todos os tempos, até ser superada pelo filme *Titanic*, em 1997<sup>10</sup>. No clipe, percebem-se as referências dos filmes de terror e dos musicais. O cantor, além de compor a música, participou ativamente das etapas de criação do roteiro e produção.

O diretor do clipe, John Landis, fez um filme sobre lobisomem em 1981 intitulado *Um lobisomem americano em Londres*. Segundo o diretor, o filme não fala

---

<sup>4</sup> GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

<sup>5</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

<sup>7</sup> BERGER, Peter. A construção social da realidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

<sup>8</sup> SANTOS, Hermílio. Interação social e as novas mídias. Porto Alegre: Revista FAMECOS nº 18 agosto 2002.

<sup>9</sup> Curta metragem é uma obra audiovisual cuja duração é igual ou inferior a 15 minutos; média metragem é a obra audiovisual cuja duração é superior 15 e inferior a 70 minutos; longa metragem é a obra audiovisual cuja duração é superior a 70 minutos.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Michael\\_Jackson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Jackson)



apenas de lobisomen, mas, também, da puberdade, da transformação que o corpo do jovem passa nesse período, já que o filme é dirigido ao público adolescente. Em *Thriller*, o processo é parecido, e o público alvo é o mesmo. A metáfora da transformação da puberdade também foi utilizada.

Um dos grandes diferenciais que o filme apresentou foi a representação do lobisomen quadrúpede – em filmes anteriores, lobisomens eram bípedes. Outra característica marcante do filme foi a maquiagem. Segundo John Landis<sup>11</sup>, foi a partir deste filme que passou a existir o termo “efeito especial em maquiagem”. No filme, a transformação do homem em lobisomen acontece com muita luz, diante das câmeras. É uma mudança total: as mãos viram patas, a orelha se faz pontiaguda, o rosto perde a forma humana e ganha um focinho de lobo e ele se torna quadrúpede com pêlos por todo corpo.

O filme e o clipe têm mesmo assunto e público. No clipe, o lobisomen é bípede, no filme é quadrúpede. A iluminação do clipe é oposta à do filme, porque no filme a maior parte das cenas é bastante iluminada e no clipe há uma escuridão quase total. A caracterização de lobisomen também é diferente. O que é semelhante é o efeito especial em maquiagem utilizado em ambos. Outra semelhança ocorre na transformação, o detalhe da orelha ficando pontuda.

No começo do clipe aparece uma tela preta com os dizeres: “Due to my strong personal convictions, I wish to stress that this film in no way indorses a belief in the occult” de Michael Jackson, que significa “devido as minhas fortes convicções pessoais, desejo enfatizar que este filme de maneira alguma aprova uma crença no oculto”. Então, entra o som de respiração com o nome da música.

O clipe começa sem música, com o som da cena apenas. O personagem passeia de carro com a namorada e de repente o carro tem um defeito. O casal começa a caminhar pela floresta e ele a pede em casamento. Depois do pedido, ele diz que precisa contar uma coisa, a Lua aparece e ele se transforma em lobisomen. Na cena são exibidos os detalhes da transformação: os olhos grandes e amarelos como os de um gato, os dentes enormes, as orelhas ficando pontudas, as mãos com unhas crescendo, o pêlo no rosto, as cenas são acompanhadas por uma trilha sonora de suspense.

---

<sup>11</sup> Citação extraída dos extras do filme Um lobisomen americano em Londres, 1981, direção John Landis.

A garota foge pela floresta e durante a fuga a trilha de suspense continua. Quando o lobisomem vai atacar a garota, corta para cena de Michael Jackson e a personagem do filme assistindo a um filme enquanto comem pipoca. A namorada dele fica irritada com as cenas e sai do cinema. Neste ponto, percebe-se a utilização de metalinguagem, o gênero audiovisual videoclipe falando do gênero audiovisual cinema. Podemos perceber não só porque a trama se desenvolve na sala de cinema, mas devido todo o aspecto técnico do clipe. Ele é montado como um filme: com a música funcionando como trilha, com efeitos especiais de maquiagem (só então utilizados no cinema), características dos filmes de terror (iluminação e roteiro) e também elementos de musicais ( a música ganhando muita importância na encenação). Dando prosseguimento a descrição: M. Jackson hesita um pouco, mas acaba acompanhado a namorada e também sai. Só por volta dos quatro minutos e onze segundos de clipe a música começa. A cena seguinte evidencia a fachada da sala de cinema com o letreiro: *Thriller*. Ainda tem um diálogo sobre o medo do filme. Então Michael começa a cantar, ambos caminham, ele com passos coreografados e ela anda dançando.

Na seqüência, eles andam abraçados e passam diante de um cemitério. Uma voz sintetizada profetiza enquanto os monstros saem dos túmulos. Esses monstros saem em busca de algo e circundam o casal de namorados que ficam assustados. Cabe uma das definições de monstro, segundo o autor Luiz Nazário<sup>12</sup>: “Todo monstro é, materialmente, uma máscara: seu horror é externo, sua interpretação dá-se por intermédio da fantasia. Os filmes de terror dizem respeito, em última análise, à força dramática da aparência”. Como eles estão diante de um cemitério, tratam-se de monstros mortos-vivos, reanimados conforme esclarece L. Nazário<sup>13</sup>: “A reanimação, não sendo o mesmo que a ressurreição, o cadáver reanimado não volta plenamente à vida, mantendo fortes ligações com a morte. Sua aparência decomposta é o signo externo desses laços secretos”.

De volta ao andamento do clipe, a música pára, entram os ruídos dos monstros em seguida a trilha de suspense volta. O casal está cercado e quando a garota olha para Michael como se esperasse uma solução, ele também é um monstro! A música recomeça. A cena seguinte mostra a coreografia que se tornou muito famosa, ele (Michael) e os monstros dançam durante alguns minutos, até que Michael deixa de ter

---

<sup>12</sup> NAZÁRIO, Luiz. Da natureza dos monstros. São Paulo: Arte e Ciência, 1998, p. 12.

<sup>13</sup> Idem, p. 17.



aparência monstruosa. Ele começa a cantar novamente e dá seus gritos característicos, a coreografia com os monstros continua. Ele volta a ser monstro e persegue, junto com os outros, a namorada que entra numa casa abandonada. Neste momento a música pára novamente e dá lugar à trilha inicial.

A casa é invadida pelos monstros, a garota assustada se encolhe no sofá. As cenas de medo são enfatizadas com a ajuda dos planos: primeiríssimo plano e *Big Close*, que são respectivamente as tomadas que mostram o rosto do personagem e close mais aproximado ainda, que neste caso evidencia os olhos. O monstro-Michael aproxima-se da garota que grita, ele volta a aparência humana e pergunta: qual é o problema, e conclui: vou cuidar de você. Ela se alegra e sai com o namorado, mas ele vira e se transforma em monstro mais uma vez, entra o som de uma risada sarcástica. Daí em diante, entram os créditos, para isso são repetidas algumas cenas do clipe. E a música também é colocada novamente para os créditos.

O figurino e a maquiagem do clipe aliados aos efeitos especiais e a edição foram eficazes, porque atingiram o objetivo de fazer um clipe de terror. Guilherme Bryan<sup>14</sup> comenta sobre o clipe:

*Thriller* tem o mérito de ter transformado o videoclipe num espaço fundamental não só para divulgação de uma canção e de seu intérprete, mas também para invenções audiovisuais. É por estas e outras razões que Michael Jackson deve ser considerado fundamental para a história recente da música, do audiovisual e do comportamento dos jovens.

## **O remake de *Thriller* no presídio das Filipinas**

O Diretor do Centro de Detenção e Reabilitação da Província de Cebu (CPDRC), nas Filipinas, Byron F. Garcia, segundo a imprensa<sup>15</sup> inovou na política da instituição. Quando implantou a coreografia como uma atividade física. Byron ocupa o cargo de consultor de segurança da província e esse seria um método para melhorar o sistema carcerário. Existem sérias dúvidas, por parte da imprensa, se o objetivo da idéia era torturar ou ajudar na recuperação dos presos. O próprio diretor do presídio realiza as filmagens, edita e adiciona os vídeos na Internet. “Já vinha colocando outros, havia

---

<sup>14</sup> BRYAN, Guilherme. *Thriller* – uma memória afetiva do maior clipe da história. Artigo publicado dia 18/05/2004 na coluna De olho no clipe, site da MTV Brasil.

<sup>15</sup> POLTRONA.TV. Presidiários filipinos reencenam clássico “Thriller no YouTube. Artigo publicado dia 25/07/2007. Disponível em: <http://www.poltrona.tv/presidiarios-filipinos-reencenam-classico-thriller-no-youtube/>

nove meses, mas nunca eram tão vistos. E agora nós temos um hit!”, diz, satisfeito com a repercussão de *Thriller*, coreografado por cerca de 1.500 prisioneiros filipinos<sup>16</sup>. A atividade de treinamento das coreografias é obrigatória segundo as normas da prisão. De acordo com o diretor do presídio, todos os presos gostam da atividade física proposta.

Na relação do clipe com sua refilmagem, os detentos que eram espectadores/platéia passam a ser atores. De acordo com Goffman espera-se uma compatibilidade entre aparência, maneira e ambiente na representação: “Tal coerência representa um tipo ideal de que nos fornece o meio de estimular nossa atenção e nosso interesse nas exceções<sup>17</sup>”. Para o caso do evento no presídio das Filipinas a compatibilidade é prejudicada. Não no caso da aparência, porque os presos usam como figurino os uniformes da prisão. O que foge ao esperado, ao padrão/estereótipo é a compatibilidade entre maneira e ambiente, pois no presídio espera-se um ambiente sombrio e pouco amistoso. E o que é apresentado no vídeo é o contrário: os presos dispostos a treinar uma coreografia de uma música do artista pop Michael Jackson, o treinamento é realizado com sucesso, depois de um mês eles gravam o vídeo.

Sobre a fachada (E.Goffman) que tende a atender as idealizações e trazer informações abstratas e genéricas, podemos dizer que ela também foge ao estereótipo, porque a representação coletiva contradiz o que é esperado de presidiários: comportamento agressivo e sem controle. Mas o que vemos são mais de 1.500 presos comportados realizando a encenação e a coreografia. Sabemos com Goffman que a representação honesta e sincera vai ligar-se menos com o mundo real do que se poderia supor<sup>18</sup>. Como platéia, sabemos só o que é permitido, somente o que é trazido pela fachada, segundo o mesmo autor.

O clipe *Thriller* de certa maneira aborda o tema “eu e o outro”, a alteridade. O outro como o monstro, o que acaba caracterizando a tensão de construção da identidade. Ou ainda, o monstro como o outro, segundo L. Nazário<sup>19</sup>:

---

<sup>16</sup> REVISTA, Mundo em. Remake de *Thriller* dançado em prisão das Filipinas faz sucesso em internet. Artigo publicado dia 28/07/2007, disponível em <http://mundoemrevista.blogspot.com/2007/07/remake-de-thriller-danado-em-priso-das.html>

<sup>17</sup> Ver: GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p 32.

<sup>18</sup> Ver: GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p 71.

<sup>19</sup> NAZÁRIO, Luiz. Da natureza dos monstros. São Paulo: Arte e Ciência, 1998, p. 285



O monstro é o outro, o estranho, o estrangeiro, o “inimigo natural”, pronto a encarnar o mal e contaminar, com sua simples presença, a humanidade identificada com a idéia que os perseguidores fazem de si. Cada perseguidor vê no “outro” o avesso de si “mesmo”(...)

No caso do remake a questão da identidade é ainda mais acentuada: os filipinos são o outro do ocidente. Não são considerados como iguais pelos orientais, porque têm um tom de pele mais escuro, ou seja, também são o outro do oriente. Devemos salientar que as Ilhas Filipinas têm uma cultura muito miscigenada devido aos processos de colonização: primeiro os espanhóis e depois os americanos. Os filipinos acabaram se juntando aos EUA na 2ª Guerra contra o Japão, devido à colonização. São muitas as diferenças, os filipinos são predominantemente católicos romanos, mas há alguns que são muçulmanos, enquanto na China, Coréia e Japão o predomínio é do budismo. Uma língua baseada no Tagalog e o inglês são os idiomas oficiais dos filipinos<sup>20</sup>. Essa situação de fragmentação e deslocamento podem ser esclarecidas com os conceitos de Stuart Hall sobre identidade, ou a crise dela. Para ele “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. E continua: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia<sup>21</sup>”.

Hall entende que identidade é algo em processo, que será formada ao longo do tempo, que permanece sempre incompleta. Ele aponta que houve um descentramento do sujeito na modernidade tardia devido a rupturas nos discursos do conhecimento moderno. Ao todo ele descreve cinco deslocamentos ou descentrações: tradições marxistas, inconsciente de Freud, lingüística estrutural de Saussure, o poder disciplinar de Foucault e o feminismo como crítica teórica e movimento social<sup>22</sup>.

Interessa-nos mais de perto a quarta descentração do sujeito: o poder disciplinar de Foucault, uma vez que o remake foi realizado por presidiários das Filipinas, porque o autor trata de questões como disciplina, punições e vigilância sobre o indivíduo e o corpo. A participação dos detentos na coreografia é obrigatória e como o número de componentes é muito grande (em torno de 1.500), alguns que dançam melhor ficam

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.brasilecola.com>

<sup>21</sup> Ver: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 12 e 13.

<sup>22</sup> Idem.



dispostos na parte central, os demais ficam em filas que formam um retângulo. A disposição da coreografia nos faz lembrar uma das maneiras de disciplinar: as filas. Para M. Foucault “a disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”. Apesar da coreografia do vídeo ser inspirada no clipe original o que as diferencia é a motivação dos dançarinos, no videoclipe os atores estão desempenhando um trabalho remunerado e na refilmagem os detentos participam de um processo disciplinar.

No livro “Vigiar e punir” o autor dedica uma parte da obra ao corpo, enfatizando como ele pode ser um instrumento para o ato de disciplinar. Quando percorremos a frase “Um corpo disciplinado é base de um gesto eficiente<sup>23</sup>”, podemos fazer uma ligação com a coreografia realizada pelos presidiários filipinos, observando os gestos sincronizados e a execução precisa dos movimentos. Podemos interpretar que o diretor do presídio CPDRC quer uma massa disciplinada, uma tropa dócil e útil. Com isso ele (o diretor) pode mostrar para a sociedade que é possível organização, disciplina e recreação (porque é uma dança) num local que abriga pessoas que cometeram crimes. Ele constrói essa realidade de harmonia para que as pessoas visualizem a prisão como um lugar onde a ressocialização acontece. Vai sinalizar como o estado Filipino se representa, com um projeto diferenciado, civilizado, limpo e aprazível. Para Peter Berger a construção da realidade acontece da seguinte forma: “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente<sup>24</sup>”.

Todo o jogo de cena protagonizado pelo diretor do presídio é materializado quando ele consegue realizar o vídeo, porque dessa maneira ele consegue objetivar essa organização e ressocialização que foi possível com o treinamento da coreografia. Com Berger, sabemos que a realidade da vida cotidiana só é possível por causa das objetivações<sup>25</sup>. A dança, a execução de uma coreografia pode ser entendida como linguagem. Essa linguagem corporal é uma maneira de objetivar o ser e ainda fazer mais real a subjetividade do ser<sup>26</sup> (adaptando porque o autor não especifica a linguagem). No

---

<sup>23</sup> Ver: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.139.

<sup>24</sup> Ver: BERGER, Peter. A construção social da realidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p 35.

<sup>25</sup> Idem, p 54.

<sup>26</sup> Ibidem, p 58.





caso do *remake* a interação é mediada, os internautas, a platéia, tiveram (e têm) acesso ao vídeo pela internet, no *site Youtube*. Nos *sites* de notícia as abordagens também são variadas: uns falam da suspeita de tortura ou da recuperação dos presos e outras descrevem o quanto o vídeo é hilário. No *site Youtube*, que dispõe as imagens do *remake*, há vários comentários a favor e contra a técnica do diretor do presídio. A platéia da internet é bem heterogênea, podendo variar entre cética e simpática, e isso fica claro a partir dos comentários. Alguns exemplos de comentários:

“Poxa, achei legal. Pode ser que a dança dê novos caminhos a quem não cometeu crimes. Nunca se sabe. Acho que aliada a um bom programa de reabilitação isso pode ser um "passatempo" que evita brigas e outras coisas que vivem acontecendo em presídios”.

“Coloquem esses filhos-da-puta prá trabalharem, caralho! Cadeia não é diversão e nem hotel 5 estrelas, não! Que palhaçada! Cadeia é punição! É para o cara refletir sobre o crime que ele cometeu! ”

“Só assim para eles fazerem algo útil! Dançar eleva a alma!!!!!!”

A partir dos comentários acima relatados podemos utilizar o artigo de Hermílio Santos<sup>27</sup> para tratar da questão da interação mediada. Ele esclarece que o comportamento das pessoas no ciberespaço não se dá de maneira igual, ou coerente com o que acontece na existência não-cibernética. O comportamento no ciberespaço está passando por adaptações dinâmicas e incessantes.

### **Considerações finais**

O videoclipe *Thriller* tem como público alvo os adolescentes que gostam de música pop e filmes de terror, afirmando o consumo da música para ouvir e ver. Ele evidencia a tendência de que a cultura contemporânea é extremamente calcada na conjugação do som com a imagem. O vídeo produzido pelo diretor do presídio não tem o objetivo mercadológico, mas tem o apelo de tentar vender a imagem de um presídio que cumpre a função de ressocializar os detentos.

O diretor do presídio partiu da utilização de um videoclipe da cultura pop e mídia de massa para a produção de um *remake* que se realizou enquanto regravação pela

---

<sup>27</sup> Ver: SANTOS, Hermílio. Interação social e as novas mídias. Porto Alegre: Revista FAMECOS nº 18 agosto 2002.



coreografia. A divulgação do vídeo foi feita com o auxílio do *site Youtube* que não faz parte da mídia de massa, ele é parte de uma mídia eletrônica interativa. Dessa maneira, podemos perceber a diferença na circulação dos bens simbólicos pesquisados.

### **Referencias Bibliográficas:**

ASSIS, Diego. Detentos estão orgulhosos de Thriller, diz diretor de presídio. Artigo com publicação no dia 25/07/2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL76789-7084,00.html>

BERGER, Peter. A construção social da realidade. Petrópolis: Editora Vozes,1985.

BRYAN, Guilherme. Thriller – uma memória afetiva do maior clipe da história. Artigo publicado dia 18/05/2004 na coluna De olho no clipe, site da MTV Brasil.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes,1987.

GLOBO, Jornal da. Espetáculo no presídio. Artigo publicado dia 27/07/2007. Disponível em: <http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20070727-293368,00.html#>

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes,1999.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NAZÁRIO, Luiz. Da natureza dos monstros. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

POLTRONA.TV. Presidiários filipinos reencenam clássico “Thriller no YouTube. Artigo publicado dia 25/07/2007. Disponível em: <http://www.poltrona.tv/presidiarios-filipinos-reencenam-classico-thriller-no-youtube/>

REVISTA, Mundo em. Remake de Thriller dançado em prisão das Filipinas faz sucesso em internet. Artigo com publicação no dia 28/07/2007. Disponível em: <http://mundoemrevista.blogspot.com/2007/07/remake-de-thriller-danado-em-priso-das.html>.

SANTOS, Hermílio. Interação social e as novas mídias. Porto Alegre: Revista FAMECOS nº 18 agosto 2002.